

SOBRE A PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS POR UMA ÓTICA SEMIOLINGUÍSTICA

*Hildenize Andrade Laurindo**

RESUMO

Este artigo aborda a problemática dos gêneros a partir de uma visão discursiva. Tem por objetivo apresentar uma discussão teórica sobre a análise de gêneros com base nas contribuições da Teoria Semiollingüística do Discurso, desenvolvida por Patrick Charaudeau. Trata-se de uma problemática complexa, que envolve a relação entre o espaço social – o espaço de restrições determinadas por um contrato comunicativo – e o espaço lingüístico – o espaço de escolhas dos sujeitos para usar certas estratégias discursivas. Por essa ótica, a análise de um gênero discursivo perpassa três níveis: o nível situacional, o nível das restrições discursivas e o nível da configuração textual, todos eles interligados.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Semiollingüística; Gênero discursivo.

ABSTRACT

This article discusses the problem of genres from a discursive vision. It aims to present a theoretical discussion of the genre analysis based on contributions of Semiollingüistics Theory of Speech, developed by Patrick Charaudeau. This is a complex problem, which involves the relationship between the social space - the space of certain restrictions by a communicative contract - and language space - the space of choices of individuals to use certain discursive strategies. On this view, the analysis of a discursive genre runs through three levels: the situational level, the level of discursive constraints and the level of textual configuration, all of them interconnected.

Keywords: Discourse Analysis; Semiollingüistics; Discourse Genre.

* Doutora em Linguística pela UFC - Professora do Colégio Militar de Fortaleza hzlaurindo2@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma discussão teórica sobre a análise de gêneros com base nas contribuições da Teoria Semiolinguística do Discurso, desenvolvida por Patrick Charaudeau. Para tanto, assumimos com o autor a visão de uma linguística do discurso, a qual integra as condições de produção do ato de linguagem em sua análise a partir de uma relação entre o mundo (como realidade conceitualizada), a linguagem (em sua assimetria entre forma e conteúdo) e um sujeito em situação de troca social (CHARAUDEAU, 2001a, p. 51-2).

Tal posição assume aqui lugar de abertura por considerarmos que os gêneros não devem ser desvinculados dos estudos discursivos. Mas, como reconhecidamente não há apenas uma forma de analisar o discurso, adotamos a definição segundo a qual este é tido como:

um lugar, ao mesmo tempo, de estruturação dos usos em função das condições de produção nas quais esses usos se manifestam, relacionados a comportamentos linguageiros dos sujeitos falantes, e categorizações de sentido relacionadas a sistemas de conhecimento e de crença aos quais aderem os indivíduos ou grupos sociais (CHARAUDEAU, 2011, p. 4).

A problemática dos gêneros deve, portanto, abranger aspectos relativos à ancoragem social do discurso, à sua natureza comunicacional, às atividades languageiras construídas pelos sujeitos e às características formais dos textos que produzem, aspectos que, segundo Charaudeau (2010a), estão relacionados. Dessa forma, deve ser considerada, em uma análise de gêneros na perspectiva semiolinguística, a inter-relação do espaço social – espaço de restrições determinadas por um contrato comunicativo – e do espaço languageiro – espaço de escolhas dos sujeitos para usar certas estratégias.

Tais aspectos serão desenvolvidos nas três seções que seguem.

1 UMA TEORIA DOS GÊNEROS: ENTRE O SITUACIONAL E O LINGUÍSTICO

Patrick Charaudeau (1996, p. 21) defende que “não se pode dizer nada sobre os objetos discursivos se não se dispõe de uma teoria dos gêneros”, mas tal teoria deve ser suficientemente ampla para contemplar a relação entre o situacional e o linguístico e, ao mesmo tempo, evitar posicionamentos extremos que alternem entre visões macrosociais e microlinguísticas. Os atos de linguagem¹ (e obviamente isso inclui os gêneros) devem, pois, ser problematizados “num modelo que constrói o social em sociolinguageiro e o linguístico em sociodiscursivo” (CHARAUDEAU, 1996, p. 22).

Assim, para tratar da problemática dos gêneros, Charaudeau (2010a, 2005a, 1995a) propõe uma análise baseada em uma teoria do discurso com ‘princípios gerais’ que fundamentem a atividade de linguagem e que funcionem por meio de certos ‘mecanismos’ em diferentes níveis de organização.

¹ Charaudeau (2010b, p. 208, tradução nossa) emprega o termo “linguagem” em sentido amplo, “como todo sistema de signos que permitam comunicar”.

Como devem, então, se conduzir os sujeitos a fim de que realizem um ato de linguagem? A resposta para tal questionamento se alicerça em quatro princípios interacionais por ele propostos:

É preciso que locutores e interlocutores (quer falem ou escrevam) sejam capazes de reconhecer um ao outro como reais parceiros na troca do ato linguageiro (PRINCÍPIO DE ALTERIDADE), que os assuntos que eles trocam se assentem sobre um saber comum (PRINCÍPIO DA PERTINÊNCIA), que haja o reconhecimento de que cada parceiro procure agir sobre o outro (PRINCÍPIO DA RELEVÂNCIA) buscando tratá-lo de forma que a troca possa ter continuidade (PRINCÍPIO DE REGULAÇÃO). (CHARAUDEAU, 1995a, s/p, tradução nossa)

Mas essa troca que motiva o ato de linguagem ocorre, como diz Charaudeau, em um teatro social, onde já existem mecanismos de regulação dos comportamentos linguageiros. Dessa forma, é preciso considerar esses mecanismos num espaço do fazer e num espaço do dizer para o funcionamento da encenação, “uma vasta cena na qual atuam os seres humanos, através dos seus atos de linguagem, em jogos relacionais diversos nos quais certos papéis são previstos por antecipação e outros são improvisados” (CHARAUDEAU, 2005b, p. 39, tradução nossa).

Assim, uma teoria dos gêneros implica uma teoria da situação; uma teoria dos sujeitos; uma teoria segundo a qual o ato de linguagem tem origem em uma situação concreta de troca entre dois ou mais participantes envolvidos. Depende de uma intencionalidade; organiza-se, simultaneamente, num espaço de restrições e de estratégias e produz significações a partir de um espaço externo e de um espaço interno, os quais são interdependentes. Essa teoria é por ele chamada de semiolinguística:

Semio-, de ‘semiosis’, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; linguística para destacar a matéria principal da forma em questão – a das línguas naturais. (CHARAUDEAU, 2005a, p. 11-12).

Embora considere as línguas naturais como a matéria principal nessa relação entre forma e sentido, o autor não descarta a participação do que chama de outros sistemas semiológicos, assim admitindo que o elemento semio- possa ser estendido. Tal ampliação dá-se também com o termo discurso, pois Charaudeau (2001b, p. 343) lembra que “a língua não é o todo da linguagem”. Assim, reforça essa posição:

O discurso não deve ser assimilado à manifestação verbal da linguagem. A linguagem verbal, mesmo sendo dominante no conjunto das manifestações linguageiras, corresponde a certo código semiológico, isto é, a um conjunto estruturado de signos formais, da mesma maneira, por exemplo, que o código gestual (linguagem do gesto) ou o código icônico (linguagem da imagem). O discurso não se limita aos códigos de manifestação linguageira, já que é o lugar da encenação da significação, encenação que pode utilizar, para seus próprios fins, um ou vários códigos semiológicos. [...] Deve ficar bem claro que toda encenação discursiva depende das características desses códigos e de todos esses códigos. O

que propomos, então, é que não se limite a acepção desse termo somente ao caso da manifestação verbal, pois, ao mesmo tempo, seria o todo da encenação do ato de linguagem que se reduziria a esta única manifestação. (CHARAUDEAU, 1984, p. 38, tradução nossa)

É, pois, desse “lugar de encenação da significação”, que se deve falar dos gêneros, sem deixar de considerar, é claro, sua estreita relação com outros “lugares”, pois o discurso, para além das regras de uso da língua, é o resultado da combinação/imbricação das condições de produção em que se usa a linguagem com a maneira pela qual ela é usada (CHARAUDEAU, 2007a). E o que seria, então, um gênero para Charaudeau? Diante da abrangência teórica proposta pelo autor, não poderíamos esperar uma conceituação objetiva para definir esse objeto. Assim, para ele, tal definição impõe uma articulação entre três níveis (ou lugares²) e a correlação dos dados proposta por cada um deles:

o **nível situacional**, que permite reunir textos em torno de características do âmbito da comunicação; o **nível das restrições discursivas**, que deve ser considerado como o conjunto de procedimentos exigidos pelas instruções situacionais para especificar a organização discursiva; o **nível da configuração textual**, cujas ocorrências formais são demasiado voláteis para tipificar definitivamente um texto, mas constituem seus indícios. (CHARAUDEAU, 2004a, p. 37, tradução nossa)

Considerando, então, dessa perspectiva, os vários aspectos que intervêm na composição do gênero, este não deve ser visto, segundo o autor, como um protótipo ou como um esquema abstrato, tal como costuma ser abordado por tendências mais cognitivas, mas como um tipo de texto que se configura com base nas coerções de um contrato comunicativo e em suas instruções discursivas e textuais. Assim, tomar um gênero como objeto de análise supõe uma tripla interrogação: “quais são as condições situacionais do ato de linguagem? Qual (is) procedimento(s) discursivo(s) ele aciona? Em que consiste sua configuração textual?” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008 p. 453). Essa posição implica alguns desdobramentos que discutiremos a seguir.

2 GÊNEROS E O ESPAÇO DE RESTRIÇÕES

Começemos por uma proposição de Charaudeau (1986) segundo a qual a comunicação é vista como fenômeno social e de linguagem. Social, porque os indivíduos se relacionam entre si, estabelecem normas de vida comuns para regular suas trocas e constroem uma visão comum do mundo. E como fato de linguagem, porque não há outra forma para que se realize, todas as trocas se dão via linguagem. Como diz o autor, “a linguagem, ao relacionar os indivíduos entre si, gera o sentido, e este sentido gera o vínculo social” (CHARAUDEAU, 1986, p. 7, tradução nossa). Ao mesmo tempo, conforme complementa, a comunicação deve ser vista como um ato de linguagem

² Charaudeau (1995b) deixa claro que prefere falar de lugares e suas condições a falar de níveis e suas unidades, pois tais “lugares” podem se encaixar uns nos outros em uma espécie de co-funcionamento para a construção do sentido. Entretanto, em vários de seus artigos, é usado o termo “nível”, que aqui reproduzimos, embora possamos, igualmente, fazer uso do termo “lugar” em posteriores menções.

social mais amplo (ou mais genérico) que envolve atividades mais específicas com diversas formas, diversos tipos e gêneros de discurso e sempre com uma intencionalidade de intercompreensão e de influência, conforme a máquina comunicacional³ que se aplica.

Essa concepção, é claro, vai de encontro à já superada e simplista ideia de comunicação como um sistema fechado de transmissão, resultado de um duplo processo simétrico entre um emissor (responsável por codificar a mensagem) e um receptor (responsável por decodificá-la) ou ainda determinado unicamente pela intenção desse emissor – um sistema que não considera as condições de produção e de recepção nem as possíveis reações do receptor, tampouco o conteúdo da mensagem. Embora em “Langage et discours”, livro em que inaugura a Teoria Semiolinguística, Charaudeau (1983, p. 46, tradução nossa) afirme claramente que “o ato de linguagem não pode ser considerado como um ato de comunicação”, fundamentando-se nas razões já apresentadas acima, o autor faz as devidas ressalvas e acréscimos de forma a tornar a noção pertinente e coerente à sua teoria.

Assim, ele não vai desconsiderar de todo o esquema comunicativo, mas ampliá-lo. Em sua descrição, um Eu se dirige a um Tu, sobre o qual acredita ter total domínio, pois supõe que sua intenção de fala seja transparente. No entanto – aí começam as incongruências – esse Tu, segundo o autor, não é um simples receptor, um destinatário ideal. Trata-se de um sujeito interpretante que cria, ao mesmo tempo, outra imagem desse Eu e estabelece uma relação não de transparência, mas de opacidade com as intenções do Eu comunicante. Forma-se, assim, a chamada assimetria comunicacional.

Por essa razão, o linguista defende que o ato de linguagem não seja visto apenas como um ato de comunicação, mas como um ato sociocomunicativo, um encontro dialético, “um ato interenunciativo entre quatro sujeitos (e não dois), lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos” (CHARAUDEAU, 2010c, p. 45). Para, então, se referir a esses sujeitos, utilizará os termos “parceiros da situação de comunicação” (ou instâncias situacionais) e “protagonistas do ato de enunciação” (ou instâncias discursivas). Os primeiros, o Eu comunicante e o Tu interpretante, são caracterizados como seres sociais e psicológicos – externos ao ato, mas inscritos nele – e definidos por certo número de traços identitários cuja pertinência depende do ato de comunicação considerado. Os segundos, o Eu enunciador e o Tu destinatário, são seres de fala, internos ao ato de linguagem e definidos por papéis linguageiros (CHARAUDEAU, 2004b).

Para situar esses sujeitos parceiros da comunicação, o autor vai se referir a um “circuito externo” (o espaço do fazer), valendo-se de uma dupla terminologia e relacionando-a diretamente aos gêneros. É preciso, pois, entender com clareza como se dá essa relação. Charaudeau (2001c, 2004c, 2006a, 2010a, 2010d) propõe que se identifique esse espaço como situação de comunicação, mas alerta para que não se confunda situação de comunicação com o que outras disciplinas (e ele próprio) chamam de domínio da prática social. Segundo ele, por serem recortes imprecisos do espaço social (o espaço político, o espaço midiático, o espaço jurídico etc.), tais domínios são englobantes demais para que sejam identificadas regularidades discursivas. Por isso, é necessário estruturá-los em domínios de comunicação.

³ Segundo Charaudeau (1986, p. 7), com a ajuda dessas normas, regras e aparatos, um fenômeno social se converte em uma máquina para fabricar signos (no âmbito político, educativo, religioso, científico, mediático etc.). Descrever tal máquina equivale a localizar os atores que a fazem funcionar e as condições que regem seu funcionamento, incluindo aí sua finalidade.

Os domínios da prática antecipam, então, a identidade dos sujeitos envolvidos e seus papéis sociais, mas ainda não é nesse campo que os discursos ganham suas significações, pois uma situação comunicativa não se constitui apenas da identidade psicossocial dos parceiros. Além de definir quem se comunica com quem, deve-se saber a respeito de quem se comunica (o domínio temático – ou domínio do saber – que constitui objeto da troca comunicativa), do dispositivo de circunstâncias materiais (as condições físicas em que se desenvolve a situação) e, principalmente, da finalidade, pois é a intencionalidade imposta pela situação que vai definir a orientação discursiva da comunicação. Assim, essa situação vai inscrever os dados do domínio segundo suas restrições, gerando o que o linguista chama de contrato de comunicação⁴, um acordo (ou uma convenção) que vai regular os comportamentos languageiros dos sujeitos envolvidos, permitindo a construção do discurso: “estamos aqui para dizer o quê?” (CHARAUDEAU, 2004c, p. 27). Sem o reconhecimento de tal contrato por parte dos sujeitos, não haveria possibilidade de intercompreensão, por isso o autor defende que a noção de contrato é constitutiva da comunicação linguística (CHARAUDEAU, 2006b).

Esse contrato será, então, definido globalmente, mas também se definirá em função das especificações próprias de uma situação, passando a funcionar como um contrato particular, pois as trocas languageiras se realizam sempre em uma situação concreta. É por essa razão que Charaudeau (2010d; 2012) distingue situação global de comunicação de situação específica de comunicação: a primeira sendo o lugar dos dispositivos conceituais (ou macrodispositivo conceitual), pois ainda não se especifica concretamente a situação; e a segunda, o lugar dos dispositivos materiais (ou microdispositivos).

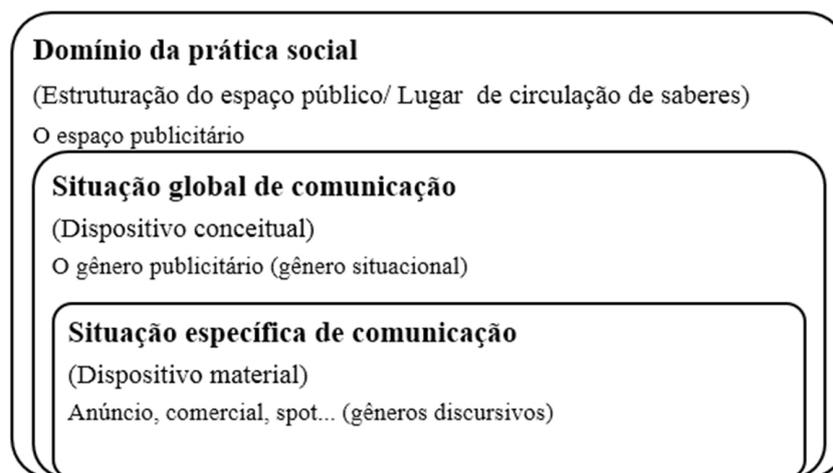
Na situação global, são definidas as instâncias de comunicação, as identidades e os papéis que as legitimam e as relações entre elas, bem como a finalidade que se pretende alcançar no discurso e o domínio temático; tudo organizado conceitualmente. Na situação específica, por sua vez, já se definem, de forma bem precisa, tais elementos, que são determinados em função das condições físicas, como o número de participantes envolvidos, a posição de um participante em relação a outro, o meio ou suporte, o lugar e o momento da troca (CHARAUDEAU, 2002). Trata-se, pois, do lugar em que certas situações de comunicação são tipificadas como subconjuntos de uma situação global. Assim, como lembra Charaudeau (2006a, 2010d), não há situação global que não se concretize numa situação específica, nem situação específica que não dependa de uma situação global, o que nos permite deduzir que um gênero depende em essência dessas restrições situacionais.

Então, considerando que as restrições mais gerais são apenas um domínio do funcionamento genérico, precisamos reconhecer, segundo o autor, “nas diferentes realizações textuais do gênero, especificidades recorrentes que se instituem, por sua vez, em tipos, constituindo, assim, subgêneros no interior do que se poderia chamar um gênero global” (CHARAUDEAU, 1997, p. 84, tradução nossa). Os contratos das situações de comunicação global corresponderiam, portanto, ao que ele chama de gêneros situacionais, e as variantes desses contratos (e deles dependentes) seriam chamadas de gêneros discursivos ou subgêneros, ou ainda de subcontratos (CHARAUDEAU, 2002).

⁴ Embora em “Langage et discours”, Charaudeau (1983) se refira a “contrato de fala”, deixa clara posteriormente sua preferência pelo termo “contrato comunicativo” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), opção que adotamos.

Em trabalho mais recente, Charaudeau (2012) propõe um esquema para sistematizar essa relação entre domínio da prática social, situação comunicativa e gêneros. Tomemos como exemplo o espaço publicitário⁵. Observemo-lo a seguir:

Quadro 1 – Esquema da estruturação dos gêneros a partir da situação de comunicação



Fonte: Charaudeau (2012), com adaptações da autora.

Uma primeira observação sobre o esquema diz respeito à relação entre o domínio da prática e os domínios de comunicação, a qual não se apresenta de modo linear, hierárquico ou modular. Trata-se de uma representação de inclusão, em que tais domínios não se mostram autônomos, mas se encaixam um no outro, pois são concebidos como lugares das condições de funcionamento do gênero e coexistem em um mesmo ato de comunicação. Outra observação refere-se à própria identificação dos “gêneros”, o que ilustramos a partir do espaço publicitário, como domínio da prática social. No domínio da situação global de comunicação, estaria o gênero publicitário, organizado conceitualmente em seu dispositivo. Mais estritamente, na situação específica de comunicação, estariam os gêneros discursivos desse domínio, como o anúncio, o comercial e o *spot*, especificados por seus dispositivos materiais (no que diz respeito ao suporte, o impresso, o fílmico e o radiofônico, respectivamente).

Essa distinção contribui operacionalmente, conforme Charaudeau (2006a, 2010d), para esclarecer questionamentos sobre o que é um gênero e como os gêneros mudam. Segundo ele, as situações específicas são mais instáveis, podem variar ou outras podem surgir em função das circunstâncias materiais que se modificam, o que pode eventualmente influenciar a situação global e, assim, mudá-la. Por tal razão, ele diz que “nestas idas e vindas entre estes dois tipos de situação, se produzem, a longo prazo, mudanças dos gêneros” (CHARAUDEAU, 2010d, s/p)⁶.

⁵ O esquema do autor foi por nós adaptado ao espaço publicitário para fins de pesquisa de doutorado. Tal esquema foi adotado como ponto de partida em nosso percurso metodológico.

⁶ Considerando esse jogo entre o macro e o microdispositivo, encontramos, nessas proposições de Charaudeau, uma orientação potencial para a análise do gênero anúncio em perspectiva diacrônica (LAURINDO, 2015).

3 GÊNEROS E O ESPAÇO DE ESTRATÉGIAS

A distinção entre gêneros situacionais e gêneros discursivos revela-se importante para delimitar de forma mais precisa o gênero investigado, mas este não se deve circunscrever a suas coerções situacionais. Se assim o fizermos, estaremos reduzindo a linguagem a mero reflexo social. Como orienta o autor, é preciso partir das restrições que caracterizam o nível situacional e, então, enumerar as possíveis variantes através das instruções discursivas, o que completaria a noção de contrato. Então, retomando suas palavras, podemos compreender como funcionam tais instruções:

observaremos que os dados da finalidade, pelo viés de suas visadas, determinam uma certa escolha dos *modos enuncivos* (descritivo, narrativo, argumentativo) que deve empregar o sujeito falante; os dados da identidade dos parceiros determinam certos *modos enunciativos* (alocutivo, elocutivo, delocutivo) nos quais ele deve se engajar; os dados do propósito determinam certos *modos de tematização*, quer dizer a organização dos temas e subtemas a serem tratados; os dados das circunstâncias materiais determinam certos *modos de semiologização*, quer dizer a organização da *mise en scène* material (verbal e/ou visual) do ato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2004c, p. 27)

Como vemos, essas instruções determinam, em parte, os comportamentos de linguagem, mas não antecipam o emprego de formas específicas, pois correspondem a um lugar intermediário entre o nível situacional e o da configuração textual, o que rechaça uma possível interpretação de que o contrato comunicativo, por fornecer as condições gerais de realização da troca e as instruções discursivas, determinaria *a priori* todos os comportamentos dos parceiros. Segundo Charaudeau (1995b), é preciso entender que, embora firme o quadro contratual da troca, esse espaço de restrições (o externo) é interdependente do espaço de estratégias (o interno); logo, ao mesmo tempo em que há uma sobredeterminação situacional, há também uma singularidade admitida pelo projeto de fala⁷ do sujeito comunicante, pois associadas à noção de contrato estão as ideias de interinfluência e de expectativa psicossocial da troca comunicativa. Por isso, o autor reforça a defesa do termo:

o contrato de comunicação não impede nem a pluralidade de identidades, nem a diversidade de estratégias, de um lado, e as possíveis interpretações, de outro. O contrato de comunicação não é mais que um marco mínimo, necessário para a intercompreensão, uma base comum de reconhecimento, de marco do sentido, de estabilização de uma parte da produção/reconhecimento do sentido, a partir do qual se pode jogar com uma multiplicidade de variações e criações de sentido. (CHARAUDEAU, 2006b, p. 51)

O contrato contribui, pois, para a estabilidade e a previsibilidade dos comportamentos comunicativos, mas dá ao sujeito comunicante a liberdade de utilizar estratégias para atingir suas visadas (CHARAUDEAU, 1995b). Sendo assim, esse sujeito deve se lançar na “arena das trocas

⁷ O projeto de fala “é o resultado de um ato conjunto, que se faz num movimento de vai-e-vem constante entre o espaço externo e interno da cena comunicativa. É na aptidão em saber ligar esses dois espaços e seus componentes que pode ser julgado o Saber fazer do sujeito e que pode ser reconhecida sua competência enquanto sujeito tendo um projeto de fala.” (CHARAUDEAU, 1996, p. 29-30).

linguageiras” e, com base em suas hipóteses sobre o “jogo social”, utilizar certos “golpes estratégicos” para garantir seu projeto de fala (CHARAUDEAU, 1995a). Para tanto, ele pode se valer de três estratégias comunicativas básicas, conforme descritas por Charaudeau: legitimidade, captação e credibilidade. Cada uma exigirá desse sujeito certas decisões:

como justificar seu direito à palavra, sua participação social nas trocas languageiras (estratégia de legitimidade); como, na relação com o outro, influenciá-lo agindo sobre as crenças (estratégia de captação), como, na problematização do tema, testemunhar sua posição de verdade, agindo sobre os conhecimentos (estratégia de credibilidade). (CHARAUDEAU, 1995b, p. 167, tradução nossa)

Assim, o direito à palavra não tem garantia prévia, pois o sujeito que deseja se comunicar deve legitimar-se, ajustando sua identidade psicossocial, dada externamente pela situação, a seu comportamento languageiro. Nas palavras de Charaudeau (2010e, p. 59): “ao mesmo tempo em que se legitima sua tomada de fala, estabelece-se um certo tipo de relação com o outro no qual se assegura a ele um lugar”. Tal relação é regulada por normas sociais e procedimentos, codificados em rituais sociolinguageiros.

Na relação com o outro, esse sujeito, ao se comunicar, também deve fazê-lo aceitar a troca; por isso precisa organizar o discurso de forma a captar o interlocutor, devendo, então, produzir efeitos de *pathos*, a fim de criar com ele uma cumplicidade. Charaudeau assim descreve essa problemática do *pathos*:

Para tocar o outro, o sujeito falante recorre a estratégias discursivas que focam a emoção e os sentimentos do interlocutor ou do público de maneira a seduzi-lo ou, ao contrário, de maneira a lhe provocar medo. Trata-se, aqui, de um processo de *dramatização*, ou seja, trata-se de uma armadilha discursiva destinada a aprisionar o outro nas redes de suas pulsões emocionais. (CHARAUDEAU, 2010e, p. 60)

O sujeito deve ainda ser ou parecer crível aos olhos do parceiro, seja pela confiança que inspira, seja por seu carisma. Por isso, a fim de ter sua fala reconhecida, deve construir para si um *ethos*, uma imagem que lhe pareça conforme às expectativas da troca e que possa atrair seu(s) interlocutor(es). Mostrar-se competente no saber fazer é o que lhe dará credibilidade e confirmará sua legitimidade. Em todos os casos, o sujeito comunicante precisa analisar os meios discursivos a fim de produzir os efeitos pretendidos para o ato de linguagem.

Esse sujeito se vê, assim, diante da dupla tensão de respeitar os dados da situação e diferenciar seu discurso no interior desses dados, visando garantir seu projeto de fala, pois, ao mesmo tempo em que é um sujeito que age exteriormente ao ato de fala configurado, também o organiza (CHARAUDEAU, 1983). Impõe-se, dessa forma, que se distinga a situação de comunicação da situação de enunciação, espaço interno onde atuam os protagonistas do ato enunciativo.

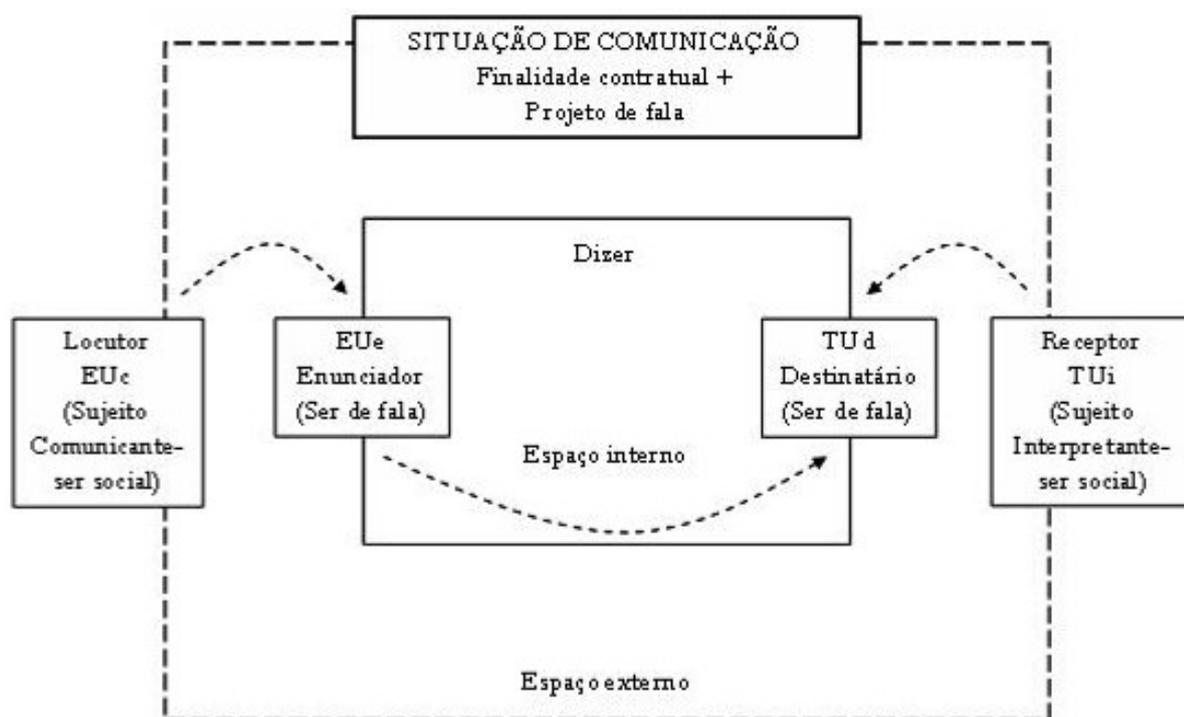
Charaudeau e Maingueneau (2008), ao definirem enunciação, mostram que essa concepção oscila entre duas dimensões: a da língua e a do discurso, o que termina por se desdobrar em duas concepções. Do ponto de vista linguístico, definida nos termos de Benveniste, o qual postula a

presença de um Eu e um Tu como condição do ato de linguagem, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Assim, por um processo de apropriação do aparelho formal da língua, o Eu declara sua posição de locutor e instaura o Tu como colocutor, qualquer que seja o grau de presença que se lhe atribua. Visando, por outro lado, a uma abordagem mais ampla do ato de linguagem, pode-se considerar a enunciação do ponto de vista discursivo. Para Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 193), “se insistimos na ideia da enunciação como acontecimento em um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas, operamos primordialmente na dimensão do discurso”.

Então, considerando essa segunda perspectiva de enunciação e reproduzindo Charaudeau (2001a, p. 31), o sujeito comunicante “encena o seu dizer” em função das instruções discursivas fornecidas pelos parâmetros do dispositivo sociocomunicacional e, assim, institui um ser de fala, Eu enunciador (EUE), que se dirige a um Tu destinatário (TUD), situando ambos no também chamado circuito interno da linguagem ou espaço do dizer.

Essa discussão realizada em torno da problemática sociocomunicacional e da encenação linguageira pode ser sintetizada por este diagrama proposto por Charaudeau:

Quadro 2 – Representação do dispositivo de encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau (2010c, p. 77).

Como se vê, o autor representa a interação entre o que acontece no âmbito dos circuitos externo (o espaço situacional) e interno (o espaço linguageiro), mostrando as relações que se estabelecem entre os sujeitos nesses espaços. Compreendendo tal representação, torna-se mais clara a relação entre esses movimentos e os gêneros, tal como o autor explica a seguir:

o primeiro movimento (do psicossocial à linguagem) leva à construção do que denominamos **MODELO SOCIOCOMUNICATIVO** e, correlativamente, a uma definição do objetivo discursivo numa **TEORIA DOS GÊNEROS**; o segundo movimento (da língua ao discursivo) define um procedimento de análise que considera o texto como uma superfície semiolinguística composta de **SIGNOS-INSTRUÇÕES** que se tornam **SIGNOS-ÍNDICES** em função das características do **GÊNERO** e da **ENCENAÇÃO** do sujeito. (CHARAUDEAU, 1996, p. 22)

A noção de circuito é, pois, uma clara representação da perspectiva defendida pelo autor, que não concebe outra forma de teorizar a totalidade do ato de linguagem senão como um movimento contínuo de alimentação entre o social e o linguageiro para a realização do jogo comunicativo, que se dá pelo uso dos gêneros.

CONCLUSÃO

Analisar um gênero para Charaudeau é, portanto, movimentar-se por esses diferentes espaços e observar suas condições, sempre considerando as restrições e escolhas que se impõem ao sujeito falante a partir da relação entre a situação comunicativa, a discursivização e a materialização textual. Acreditamos, pois, termos apresentado a importância desses movimentos como parte de um modelo geral para fundamentar a análise semiolinguística de um gênero discursivo particular.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **Langage et Discours: éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)**. Paris: Hachette, 1983.

_____. Une théorie des sujets du langage. Sociosémiotique. **Langage et société**. Paris, n. 28, fascicule 1, p. 37-51, 1984. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lsoc_0181-4095_1984_num_28_1_1989>. Acesso em: 2 maio 2013.

_____. Semiolingüística y Comunicación. **Núcleo-4**, U.C.V., Caracas, 1986. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Semiolinguistica-y-Comunicacion.html>>. Acesso em: 2 maio 2013.

_____. Ce que communiquer veut dire. **Revue des Sciences Humaines**, n. 51, juin, 1995a. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/C_equecommuniquer-veut-dire.html. Acesso em: 29 ago. 2013.

_____. Le dialogue dans un modèle de discours. Les différents plans d'organisation du dialogue et leurs interrelations. **Cahiers de Linguistique Française**. Suisse, n.17, Université de Genève, p. 141-177, 1995b. Disponível em: <http://clf.unige.ch/files/9914/4103/2863/08-Charaudeau_nclf17.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

_____. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. D. (Org). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

_____. Les conditions d'une typologie des genres televisuels d'information. **Réseaux**. Paris, v. 15, n. 81, p. 79-101, jan-fev, 1997. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1997_num_15_81_2887. Acesso em: 30 abr. 2015.

_____. Las problemáticas de base de una lingüística del discurso. In: BUSTOS de TOVAR, J.J. et alii. **Lengua, Discurso, Texto**. Madrid: Visor Libros, 2001a.

_____. Langue, discours et identité culturelle. **Revue de didactologie des langues-cultures**, v. 3-4, n.123, p. 341-348, 2001b. Disponível em: http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=ELA&ID_NUMPUBLIE=ELA_123&ID_ARTICLE=ELA_123_0341>. Acesso em: 29 ago. 2013.

_____. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. In: **Analyse des discours: Types et genres**. Toulouse: Éd. Universitaires du Sud, 2001c. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Viseesdiscursivesgenres,83.html>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

_____. A communicative conception of discourse. **Discourse studies**. London, v. 4, n. 3, SAGE Publications, 2002. Disponível em: <http://www.patrickcharaudeau.com/A-communicativeconception-of.html>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

_____. La problemática de los géneros. De la situación a la construcción textual. **Signos**. Valparaíso, v. 37, n. 56, p. 23-39, 2004ab. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=157013763003>>. Acesso em: 11 set. 2013.

_____. Tiers où es-tu? In: CHARAUDEAU, P.; MONTES, R. **La voix cachée du tiers: Des non-dits du discours**. Paris: L'Harmattan, 2004b. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Tiers-ou-estu,91.html>>. Acesso em: 6 fev. 2013.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; de MELLO, R. **Gêneros e reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFGM, 2004c. Disponível em: <http://www.patrickcharaudeau.com/Visadasdiscursivas-generos.html>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrickcharaudeau.com/Uma-analisesemiolinguistica-do.html>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

_____. Les contraintes du discours politique: dispositif, identités, légitimité. In: **Le discours politique. Les masques du pouvoir**. Paris: Vuibert, 2005b. Disponível em: <http://excerpts.numilog.com/books/9782711772797.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

_____. Un modèle socio-communicationnel du discours. Entre situation de communication et stratégies d'individuation. In: DESSINGES, C.; ESQUENAZZI, J-P. **Médias et Culture**. Discours, outils de communication, pratiques: quelle(s) pragmatique(s)? Paris: L'Harmattan, 2006a, p. 15-40. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Un-modele-sociocommunicationnel.html>>. Acesso em: 27 maio 2013.

_____. El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: Normas psicosociales y normas discursivas. **Opción**, a. 22, n. 49, p. 38-54, 2006b. Disponível em: <http://www.scielo.org/ve/scielo.php?pid=S1012-15872006000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 jun. 2012.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007a.

_____. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. **Signos**, Valparaíso, v. 43, supl. 1, p. 77-90, 2010a. Disponível em: <<http://www.patrickcharaudeau.com/Umaproblematicacomunicacional.html>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

_____. Pour une interdisciplinarité “focalisée” dans les sciences humaines et sociales. **Questions de Communication**, n. 17, p. 195-222, 2010b. Disponível em: <<http://questionsdecommunication.revues.org/385>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

_____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010c.

_____. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, G.; de PAULA, L. (Org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010d.

_____. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**, v. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna) 2010, p.57-78, 2010e. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Odiscursopropagandista-uma.html>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

_____. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**. v. 10, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/18>>. Acesso em: 9 set. 2012.

_____. Los géneros: una perspectiva socio-comunicativa. SHIRO, M.; CHARAUDEAU, P.; GRANATO, L. (Org.). **Los géneros discursivos desde múltiples perspectivas**: teorías y análisis. Madrid: Iberoamericana/ Vervuert, 2012.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAURINDO, H. A. **O percurso histórico-discursivo do gênero anúncio publicitário em jornais de Fortaleza dos séculos XIX e XX**: entre recorrências, variações e transgressões. 2015. 320f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

